

NOSSAS VERDADES, NOSSAS CRIAÇÕES

*Fernanda Machado de Bulhões**

Resumo:

Este breve ensaio tem como objetivo apresentar, em linhas gerais, alguns aspectos da crítica de Nietzsche à noção de verdade. Partindo do princípio de que a razão não é uma fiel representação do estatuto ontológico, já que o pensamento racional é uma instância que nasce das relações de forças instintivas, para Nietzsche a racionalidade não descobre a verdade, ela inventa uma: a sua verdade. Assim sendo, por mais que ofereça demonstrações lógicas, a razão não é capaz de sustentar uma verdade universal, mesmo porque como poderia uma coisa ser sustentada por ela própria?

A longa história da filosofia, aos olhos de Nietzsche, desde Sócrates e Platão, é marcada pela metafísica, por ele compreendida como uma estrutura de pensamento cujo alicerce fundamental é a “crença nas oposições de valores”¹. O pensamento filosófico é metafísico na medida em que é constituído basicamente em torno de conceitos antagônicos, tais como: essência x aparência; razão x instinto; verdade x erro; inteligível x sensível; realidade x ilusão; devir x ser; corpo x alma. Nietzsche também chama a atenção sobre o selo metafísico impresso nos valores populares, só que para o “povo” a oposição está entre o céu e a terra, a vida e a eternidade, o homem e Deus. Para o “povo” ao invés de platonismo é o cristianismo que vigora².

*Mestre em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia da UFRN.

¹ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal. Cap. 1 § 2.

² Ibid, Pr.

Com seu pensamento “arrasador”, com suas dinamites e martelos, Nietzsche vem destruir os ídolos que a humanidade em sua história tomou como se fossem sólidos. A impiedosa crítica nietzschiana é dirigida ao espírito metafísico que está espalhado por todos os lados. A dimensão de sua crítica extrapola o âmbito da filosofia, mas é na filosofia e de modo filosófico que Nietzsche realiza o seu combate. O alvo de seu ataque é sobretudo o que caracteriza a metafísica: a “crença nas oposições de valores”, crença que tem como um de seus mais resistentes frutos a verdade, ou melhor, a crença na verdade.

A “crença na verdade” é um dos produtos do típico preconceito do filósofo, que consiste em julgar que: “...as coisas de valor mais elevado devem ter uma origem que seja outra, *própria* - não podem derivar desse fugaz enganador, sedutor, mesquinho mundo, desse turbilhão de insânia e cobiça! Devem vir do seio do ser, do intransitório, do deus oculto, da ‘coisa em si’ ”³. O preconceito do filósofo, e aí está sua marca metafísica, é pensar que existem duas realidades: uma que é, outra que se torna. O que é não se torna, o que se torna não é, por isso essas realidades, além de distintas, se excluem. De uma lado, o que nos vem através dos sentidos, uma realidade efêmera e imprevisível, que nos escapa como se fosse água entre os dedos. Do outro, uma realidade estável e previsível que, por se manter a mesma, pode fornecer garantias, certezas e verdades. De acordo com esta “lógica metafísica”, a verdadeira realidade se encontra por detrás da superfície enganadora⁴, submersa no “turbilhão de insânia e cobiça”. E é para lá, para o profundo, para o âmago do Ser, que se dirige o impulso de conhecimento do filósofo.

Segundo Nietzsche, o filósofo quer a verdade porque crê em seu caráter absoluto, crê que existe uma realidade que pode por ele ser dita e conhecida. Na ótica nietzschiana, não é possível dizer nem conhecer a realidade “em si”. A verdade só existe quando nela se acredita: “Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores,

³Ibid, Cap. 1 § 2.

⁴Na tradição filosófica a idéia de verdade sempre esteve associada à idéia do ser e do inteligível em contraposição à idéia do devir e do sensível.

neve e flores, e no entanto não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem. Assim como o som convertido em figura na areia, assim se comporta o enigmático X da coisa em si, uma vez como estímulo nervoso, em seguida como imagem enfim como som. Em todo caso, portanto, não é logicamente que ocorre a gênese da linguagem...”⁵ Ou seja: entre a dimensão ontológica e a nossa humana linguagem não há nenhuma lógica que garanta uma correspondência, que faça uma ponte entre o dizer, o pensar e o ser.

Mas, os filósofos, acreditando que suas idéias valem como verdade, se empenham ao máximo para provar e comprovar que estão certos. Os filósofos usam mão de todos os recursos, todos os métodos possíveis e imagináveis para defender suas teorias. É por isso que Nietzsche os encara com desconfiança e ironia e os compara a advogados que advogam em causa própria⁶, que defendem suas opiniões como se estas fossem absolutamente desinteressadas e impessoais. E é também por isso que Nietzsche os ataca quando eles pretendem impor suas verdades como se estas fossem absolutas, isto é, como se existissem por si mesmas e fossem, por eles, apenas descobertas: “Todos eles agem como se tivessem descoberto ou alcançado suas opiniões próprias pelo desenvolvimento autônomo de uma dialética fria, pura, divinamente imperturbável (à diferença dos místicos de toda espécie, que são mais honestos e toscos - falam de ‘inspiração’): quando no fundo é uma tese adotada de antemão, uma idéia inesperada, uma ‘intuição’, em geral um desejo íntimo tornado abstrato e submetido a um crivo, que eles defendem com razões que buscam posteriormente ...”⁷. Os filósofos defendem suas idéias como se estas tivessem nascido de um processo puramente intelectual, de uma seqüência de raciocínios em que a ordem seguida é imposta por uma necessidade lógica e, portanto, impessoal. Para eles o “desenvolvimento autônomo de uma dialética fria” teria por fim a

⁵ NIETZSCHE, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*.

⁶ NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*. Cap. 1 § 5.

⁷ *Ibid.*

produção de uma verdade que deveria por todos ser aceita. Nietzsche vai abalar o preconceito dos metafísicos de todos os tempos ao querer mostrar a esses “crédulos” da verdade que esta é uma criação deles próprios. Em sua interpretação, a verdade só existe como criação humana. Aliás, o ato de criar é o que faz o homem ser homem: “Valores às coisas conferiu o homem. (...) Por isso ele se chama “homem”, isto é: aquele que avalia. Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas. Somente há valor graças à avaliação; e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência.”⁸

O homem é criador de valores. O valor é o que constitui aquilo que uma coisa é, é o que dá sentido às coisas. Portanto, criar valor, isto é, avaliar, é o mesmo que dar, doar sentido à realidade⁹. Só que o homem cria valores mas se esquece de que os criou, por isso acredita em suas invenções como se estas lhes caíssem do céu. O homem crê no sentido da realidade em que vive como se o sentido existisse independente de sua avaliação. Nietzsche veio lembrar que “Somente por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a supor que possui uma ‘verdade’”¹⁰. Ou seja, só por esquecimento podem os homens dar às suas próprias criações e crenças o valor de verdade.

Mas a crítica de Nietzsche à verdade é bem mais complexa e vai muito mais longe do que este pequeno ensaio possa sugerir. Para ele o problema da verdade está no centro do pensamento metafísico. Sua crítica sempre chega ao preconceito típico dos filósofos metafísicos: a “crença na oposição de valores”. Para Nietzsche, a metafísica, ela sim, é um erro já que não existe uma dualidade de mundos e, muito menos, reali-

⁸ NIETZSCHE, Assim falou Zarathustra, “De mil e um Alvos”.

⁹ Concordando que a importante noção de valor proposta por Zarathustra visa realizar uma crítica à existência de um fundamento metafísico para os valores, negando, portanto, que existam valores em si, absolutos, eternos e universais, Roberto Machado, em seu livro Zarathustra, tragédia nietzschiana (p. 70), salienta a ideia de que: “a filosofia de Nietzsche é mais propriamente uma filosofia da avaliação do que do valor, visto que o valor depende da avaliação, tornando inclusive possível uma transvaloração que põe em questão o valor dos valores metafísico-cristãos e modernos, propondo novos princípios de avaliação.”

¹⁰ NIETZSCHE, Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral.

dades que se opõem. Não há uma realidade verdadeira por trás da aparência e nem aparência.

Pode-se dizer que não existe verdade como correspondência entre o pensamento e as coisas porque não existe essa distância. A verdade é um valor dado por aquele que crê em sua existência. E, como o valor não é encontrado (não vem de “Deus” nem da “coisa em si”, como diz Zaratustra, o valor é humano) a verdade não está lá, no fundo do poço; a verdade está cá, em nossas criações. Ela está no começo de nossas construções. Em suma: nós não chegamos, nós partimos da verdade, a verdade são nossos pre-conceitos, nossas invenções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NIETZSCHE, Fridrich. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Edson Bini, Márcio Pugliesi. São Paulo: Hemus, 1976.
- _____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*. Trad. Rubens Torres Filho, Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MACHADO, Roberto - *Zaratustra, Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.